

A selvajaria que nos enselvaja

Alfredo Margarido

Universidade Lusófona de Humanidades
e Tecnologias

É mais do que sabido que a selvajaria só pode engendrar selvajaria. Os Estados Unidos reagiram brutalmente ao choque provocado pelo atentado muçulmano de 11 de Setembro de 2001, que deixou uma cicatriz não só em Nova Iorque, mas ainda mais no país que tinha adquirido o mau hábito – desde o século XVIII – de invadir e de agredir os outros - acreditando estar defendido, tanto a leste como a oeste, pela massa de água dos oceanos. Curiosamente, os vários estados-maiores norte-americanos, esqueceram, num país que se vangloria de ter gerado os primeiros aviões, os ares. Não o céu religioso ou metafísico, mas o espaço celeste que os discípulos de Mafoma integraram nos seus cálculos.

Já nos demos conta, todos, que a reacção do aparelho de Estado norte-americano ultrapassou o razoável, pois transformou o resto do mundo não em adversário, mas em inimigo. Se não deixa de ser curioso que um país tão marcado pelo religioso – o presidente Bush não se esquece nunca de pedir a Deus que abençoe a América – não tenha considerado com atenção o facto simbólico de o ataque ser não terrestre nem marítimo, mas aéreo. Como se a hierarquia dos anjos (R.M.Rilke) se tivesse esquecido da sua função de guardiã dos puros valores dos WASP (White, Anglo-Saxons, Protestants).

A reacção brutal, dividindo o mundo em duas partes assimétricas – quem não é por nós é contra nós –, não podia deixar de suscitar reacções ainda mais brutais que se traduziram na maior liberdade concedida às forças ditas da ordem, que nos Estados Unidos são muito frequentemente, as forças da

repressão branca. O maniqueísmo da formula elimina a humanidade dos Outros, que só podem ser vistos não como parceiros ou aliados, mas apenas como inimigos. O que explica que a teologia tenha fornecido a ideia do “Império do mal” que, neste momento, está quase inteiramente concentrado nas terras do Islão. Se os crentes defendem a necessidade de travar diariamente a guerra santa (a *jihad*), os norte-americanos replicam defendendo o princípio da repressão permanente.

Ainda não consegui compreender como é que os democratas norte-americanos ainda não foram capazes de ver que a reacção do país, alargando as possibilidades de intervenção das muitas polícias que vigiam o território e os habitantes, podia e devia ser interpretado como uma vitória objectiva dos “terroristas”. Se o objectivo destes combatentes, que não representam nem um país, nem um partido, sendo combatentes de Deus, reside no desmantelamento da ordem normal, podemos dizer que estão a alcançar este objectivo, na medida em que face a cada acto “terrorista” se verifica o recuo apavorado dos ocidentais democratas (ou até fascistas). Tendo como objectivo desencadear o pânico, a violência irracional, dos “terroristas” tem conseguido intimidar as democracias no seu todo.

Se bem que esta constatação não impeça os cidadãos democratas que somos, ou pensamos ser, de considerar a rapidíssima evolução das formas de afrontamento suscitadas pelo fenómeno urbano: as bombas não são muito úteis nas aldeias e nas terras agrícolas. Esses engenhos foram concebidos para ser utilizados nas concentrações urbanas, como

se verifica facilmente na história do anarquismo que actua essencialmente já no século XIX, mesmo se podemos aceitar que a sua criação date já do século XVIII (não falta quem associe o *Manifesto dos Iguais*, atribuído a G. à emergência dos anarquistas). Entre os anos 1850 e 1914 não faltaram atentados organizados pelos anarquistas, alguns dos quais ficaram célebres como o italiano Severini ou o francês Ravachol. A fracção mais radical sempre optou pela necessidade de eliminar fisicamente a burguesia, tarefa impossível, na medida em que a própria evolução da sociedade se encarregava não só de produzir mas sobretudo de alargar a produção de burgueses.

O que não quer dizer que a violência das acções armadas não se tenha transformado num dos vectores da própria reivindicação política. A ideia de revolução, se propugna a necessidade de reformas radicais, não podia dispensar a necessidade da violência, como quiseram tantos teóricos e acima de todos George Sorel, que alguns querem associar ao trabalho teórico que permitiu e emergência dos totalitarismos. Embora se deva salientar a fragilidade das burguesias que ocupam o poder desde as revoluções americana (1776) e francesa (1789), e que souberam engendrar as formas tristemente repressivas que caracterizaram – ou ainda caracterizam – a totalidade das nações democráticas, onde não foram sequer dissolvidas as sequelas brutais da escravatura – como nos Estados Unidos ou no Brasil.

Os muçulmanos deram um passo em frente no que se refere às condições do choque entre religiões, ou antes, entre sociedades que continuam a depender da estrutura religiosa: se os japoneses, durante a segunda guerra mundial, tinham recorrido à coragem irracional dos Kamikazes, tal se fizera em pleno campo de batalha, mesmo se estas armas escapavam à lógica dos estados-maiores europeus e americanos. Foi de resto essa violência já

irracional, que justificou a réplica norte-americana que arrasou tanto Hiroshima como Nagasaki. Mas já então se começara a desenhar uma tendência vigorosa de utilização dos ares e dos engenhos aéreos, cujas trajectórias podiam escapar aos obstáculos terrestres. Os militantes muçulmanos inscrevem-se nessas técnicas o que, muito curiosamente, inclui estas acções num campo onde poder sagrado, religião e armas de destruição maciça convergem.

O mais grave reside contudo na profunda desumanização que tais formas de choque provocam. Muito recentemente os escritores e investigadores alemães começaram a preocupar-se com os bombardeamentos das cidades alemãs pela aviação britânica, durante a segunda guerra mundial, que utilizou constantemente as bombas de fósforo. Tenho ainda na memória o choque provocado pela destruição de Dresden pelos bombardeiros britânicos, que fizeram mais de duzentas mil vítimas. Se é certo que os estados-maiores explicam essas operações como indispensáveis para aniquilar o orgulho que ainda caracterizava as populações alemãs, a verdade é que tais estados-maiores se mostraram incapazes de destruir as linhas de caminhos de ferro que, entretanto, iam levando para os campos de concentração e de destruição, milhares e milhares de judeus.

As democracias revelam-se deveras cobardes face à hegemonia imperialista dos Estados Unidos, de tal modo que ainda não se registou um protesto solene contra a existência de um autêntico campo de concentração em Guantanamo, em pleno território cubano. Não tenho a menor simpatia por militantes que, para defender um Deus que os não ouve, não hesitam em despedaçar inocentes que circulam nas ruas ou nos armazéns das cidades. Mas como concordar com prisões que não foram justificadas e não permitem que os detidos tenham

acesso aos seus processos, tal como se lhes não consente que constituam advogados? Como é que um país que adopta tais comportamentos pode pretender impor a democracia algures, no Iraque, por exemplo? Sendo que tal pretensão merece ser posta em causa, pois ainda não se viu desenrolar-se de maneira normal a imposição de um sistema democrático a um país cujo sistema político não fora previsto para fazer face à miríade de operações indispensáveis para criar uma situação realmente democrática. Mesmo se parece difícil encontrar uma autêntica democracia entre as democracias! Haverá muitas imitações, pois assistimos à banalização das falsificações, como se pode ver na feira de Carcavelos, metonímia das grandes reuniões internacionais, com muitas imitações.

Desgraçadamente, quando as democracias revelam a sua estrutura falsificada, não lhe podemos reservar o tratamento que se aplica às imitações dos relógios Cartier, esmagados pela redondeza maciça de um cilindro. Circunstância que se paga cara, pois nos impede de agir de forma expedita para impedir que as más democracias possam pôr em causa os princípios democráticos. Os Estados Unidos estão em via de se transformar numa má democracia, na medida em que governos e cidadãos se consideram em estado de defesa contra o mundo inteiro, dispondo por isso da autoridade de recorrer às armas que lhe parecerem convenientes para defender os seus interesses. Não se trata apenas de negócios do petróleo – actividade na qual se regista o único talento dos Bush, pai e filho –, mas sobretudo na liquidação da necessidade da democracia. O homem socializa-se na democracia, visando não só mantê-la, mas torná-la mais eficaz. Não é certamente multiplicando prisões e prisioneiros que se poderá alcançar este objectivo.

Se o governo de Richard Nixon, o batoteiro, assinalara já a degenerescência moral dos Estados Unidos, a eleição – mesmo se muito contestada –

de Georges W. Bush serviu – e continua a servir – para confirmar a profunda degradação do aparelho de Estado norte-americano. Os Estados Unidos são hoje e agora a potência que mais contribui, directa ou indirectamente, para a banalização das armas de destruição maciça : são os amigos dos norte-americanos, como o Paquistão , que oferecem aos seus amigos muçulmanos, as técnicas que lhe permitirão, a curto prazo, dispor de armas de destruição maciça. Começo agora a compreender os psicóticos que nos Estados Unidos não hesitaram em instalar nos jardins os abrigos contra as bombas nucleares: o que eles afinal recebiam não eram bombas lançadas por inimigos exteriores, mas antes aquelas fabricadas e utilizadas pelos seus próprios concidadãos, os “maluquinhos” do Pentágono!